

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 6 n.º	N.º à entrega	36.º Anno — XXXVI Volume — N.º 1231	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Composto e impresso na Typ. do Anuario Commercial Praça dos Restauradores, 27
Portugal (franco de porte) m. forte...	3\$800	1\$900	5950	\$120	10 de Março de 1913	<p>Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.</p>
Possessões ultramarinas (idem)	4\$000	2\$000	—	—		
Estrangeiro e India.....	5\$000	2\$500	—	—		

Exposição de pintura de D. Emilia Santos Braga



A MINHA BONECA — DESENHO A PASTEL DE D. EMILIA SANTOS BRAGA — (Cliché de Alberto Lima)

CRONICA OCCIDENTAL

Turistas de estranhas laboriosas que fazem travessia amena por terras de Portugal, assomam, por vezes, aos lábios, frases pícaras, rutilas duma espirosidade maligna, flagrantes de verdade, que deviam cair na nossa consciencia de lusiadas adormecidos, e estremunhal-a, — como gôtas de oiro fundido.

Inda ha bem poucos dias, os jornalistas inglêses, convidados amigavelmente e carinhosamente recebidos pela Sociedade de Propaganda de Portugal, expuseram a sua opinião, singelamente, com uma sinceridade deveras sensibilisadôra.

Na verdade, disseram-se deliciosamente enlevados pela magia suavissima da nossa paisagem, mas confessaram-se rudemente rebeldes á poesia primitiva das nossas estradas, ao abandono, enverrugadas por montes e varzeas, burguêsmente indifferente á pastoral ingenua dos nossos caminhos-de-cabras. Barbaros!

E disseram:

— Oh Ies! Ser encantadôr Portugal! Mas construir caminho bom, amiguinhos meu...

E nós, ao ouvirmos isto, sorrimos e lembrámo nos com nostalgia daquela bendita Beira, onde os aldeãos transitam para a cidade, não já por caminhos-de-cabras, mas por veredas de lagartos e la-crás.

Estrangeiro curioso e ricaço que faz, por vezes, de Portugal, estação de recreio, respira, em haustos sôfregos, com delicia, os nossos ares purissimos, espreguiça o corpo ás caricias do sol português, libra a alma nos longes da nossa paisagem, goza ironicamente o nosso espirito, aprecia com graciosa complacencia o nosso carater e critica, como bom entendedor o nosso senso pratico; e se algum lusiada arreliado, ensoberbecido de antepassados, desgostoso de contemporaneos, vem esvurmar azedume sobre os factos do dia corrente, ele interrompe logo, com pressa e enfadamento, afogando a sua malignidade sádia numa patez sorna:

— Diabo! Vocês têm um tão lindo ceu e um tão bom sol e campinas tão ferteis — e ainda queriam ter juizo...?

Um dia, literato cosmopolita aportou ás praias hypocricas de Portugal. E Portugal fóra, cil-o por ahi vai vádiando, lapis inspirado em punho, transvasando, á moda do tempo, para o seu caderno de notas, a exuberancia de observações que lhe iam sugerindo os costumes e psicologia do portuguezinho.

E' claro, muita baba de inexactidões enegreceu a brancura mendiga da sua agenda de albibeira. Mas, de envolta, uma ou outra frase curiosa e clara de verdade resvalou no papel. E uma nota ele sublinhou, digna de ser lida e meditada, quando se refere á indolencia do dia presente, á irresolução de animo do português, ao diferimento constante que o português sempre faz, da execução dos seus melhores projéto para o dia seguinte. E como o dia seguinte sempre, por força, chega, e o mais longinquo futuro se torna inevitavelmente, num dado momento, presente, acontece que o portuguezinho, sentindo a estuar na massa do sangue a aversão ingenua pelo dia de

hoje, vai diferindo sucesivamente a execução dos seus melhores projéto...

— Amanhã!...

Só depois do estrangeiro nos apresentar esta nota carateristica do espirito nosso, é que nós atentámos bem nela, não para dela abstrairmos lição proveitosa, mas para jogarmos com ela nos colloquios de espirosidades elegantes e enriquecermos vaudevilles de galanteria graciosa. E assim, somos forçados a acreditar que morreremos cedo, um dia, de inanição, se o ceu vigilante e piedoso, não nos enviar, por milagre, a tempo, manná substancioso...

Estes males desastrosos de que tem enfermado o carinhoso amante de Lysia, não são, todavia, constitucionais, crêmolo — felizmente!

Começa a agitar-se, ao de leve, por sobre esta doente nacionalidade, uma aura nova de vitalidade exuberante.

Espaireçâmos um longo olhar de simpatia por este lindo Portugal em fóra e sem duvida hemos de notar, a desvenenhar-se, a agir, uma energia insolita, quebradiça, é certo, inconsistente, incontinua, mas reanimada, a cada momento, de coragem e optimas intenções.

A aranha monstruosa da politica envolve tudo, é certo, e deixa em tudo, como sêlo da sua autoridade omnipotente, uma viscosidade suja, venenosa; mas, se nem tudo corre ás mil maravilhas, como em frase portuguesissima confessou, em Paris, a um seu velho amigo, Guerra Junqueiro — iniciativas de boa regeneração surgem, aqui e ali, e tendem a concretisar-se.

Ora, esta gloriosa e veneranda Revista de Arte e Letras e Vida-Portuguesa — que um extranho bom-gosto, aprimorado e inteligente intitulou OCCIDENTE — desde tempos, assiste, espectante, esperançosa, a este lento renovar de vida nacional.

Orientada, sempre, superiormente, por mão criteriosa e voluntariosa, soube evitar os escolhos dos Tempos, não se deixando inocular nunca dos ambientes infécciosos e viciosos que tem atravessado, e segura na sua experiencia de meio seculo, soube atrair a si, em fluido de simpatia, um circulo cerrado de espiritos, correspondendo escrupulosamente ás suas exigencias.

Por isso, presentindo na latencia dos tempos decorrentes um novo espirito animando as coisas e gerando habitos novos, esta Revista embebeu-se do novo espirito e ataviou-se de galas novas, não de galas exóticas, preciosas e rebarbativas, mas galas de bom tom, nacionalissimas, considerando-se, como é, sempre e sempre, intransigentemente portuguesa.

E' como se um Maestro, de largas aptidões e espirito amplo, acordando em tempos novos, quizesse interpretal-os; — neste caso, cumpre, pois, á Crónica, executar a Sinfonia de Abertura.

E' como se um Victor-Hugo, vislumbrando novos tempos, de realidade mais calorosa, abandonasse num momento, em desdem meigo e compassivo, as «peruques» classicas e viesse a entoar novas e extranhas melodias; — neste caso, cumpre, pois, á Crónica, a recitação entusiastica do prefacio dum «Cromwell».

Tempos novos! Novos tempos!

Que assomem sobre o horisonte a sua luz fresca e sádia de madrugada e uma aura de paz e harmonia se descerre e estremêça pelas ruinas nostalgicas dos tempos que decorreram...

A decadencia pernicioso onde de longa data deslisa e mirra Portugal, tem um limite que é necessario transpôr; e ao transpôr-o, ou morre ou se ergue em canticos de fé, em gloriosa Renascença.

Os males de que enferma esta querida nacionalidade, não são constitucionais; e todos eles nascem e crescem, simultaneamente e concomitantemente, da atonia curavel da sua vontade.

E dahi defeitos e qualidades sebastianistas e saudosistas, só momentaneos...

A fibra vital da psicologia lusa, é o sonho, sonho ardente, sonho vehementissimo que toca raias de exaltação mística.

Quando uma vontade firme e intelligente o anima e dirige, é sonho progressivo e encarna o Infante e Nun'Alvares.

Quando a vontade desfallece, torna-se sonho regressivo e é saudosismo ou sebastianismo.

O OCCIDENTE viu-o bem.

E, assim logo que viu espirito novo, mas realmente, efectivamente, a agir pela nacionalidade portuguesa, não modulou ingenuamente, em extase improductivo — Amanhã! Não achou que o portuguezinho exigia demasiado da sua natura intima, e tentava com blasfemia a Providencia, exforçando-se por ser ajuizado e sensato.

O OCCIDENTE agiu, e a sua oração á Virgem limitou-se, intensificando se, a conjugar a preceito, com o coração, na primeira pessoa, o verbo «querer». Eis.

E tentou a sua remodelação formal e real para corresponder escrupulosamente ás exigencias do novo espirito que ora se esboça.

Não cavou alicerces novos. Mas sobre os antigos alicerces, profundos e segurissimos, alevantou mais um andar aberto ás brisas e sóes das madrugadas.

O OCCIDENTE!

O que ele tem visto e anotado, o que ele tem realisado e sonhado n'este percurso tranquilo e glorioso de meio-seculo!...

A's suas salas de trabalho se têm vindo abrigar, em desalinho, em desvairo, em febre, gerações literarias, diversissimas de temperamento e espirito. Ora é Guilherme de Azevedo e Gervasio Lobato que vêm polvilhar as paginas engomadas e brancas desta Revista, com o oiro da sua graça e a *verve* intempestiva e irresistivel do seu espirito. Ora é D. João da Camara que derrama, em gestos patriarcaes, como incenso claro, a enormissima e diamantina bondade da sua Alma.

Ora, por aqui, rechina uma «boutade» do Fialho... Ora, por ali, se estreia Abel Acacio... Sabemos lá!

Ora, a prosa nitida e scintilante de Alfredo de Mesquita... Logo, Brito Rebello... Depois, Alberto Braga...

E — sempre! — nos bastidores duma inegalavel modestia, a manobrar, a dirigir, de rijo bom-senso, inquebrantavel energia e superior criterio, esta figurinha diplomatica de português velho que é Caetano Alberto.

ANTONIO COBEIRA.

Finis et principium

I

Fé

E perguntaes-me vós que ideia eu faço
De Deus na Criação... Sei lá que ideia!
(No emtanto, olhae: que sombra se incendeia
Em vosso olhar de duvida e canção!)

Talvez, ao seu poder, no infindo espaço,
O mundo seja um pó que revolteia;
Talvez esteja neste grão de areia
Que em meu caminho pizo e despedaço.

Que ideia fiz de Deus? Nem sei... Nenhuma!
Perguntae vós a um hálito de espuma
O que entende do Mar: se o sente e o vê...

Amo-o, presinto-o: e mais não sei. Quem ama,
Responde, não pergunta. E' como a chama
Sobe, alumia, — sem saber porquê.

II

Patria

Quantas vezes, na febre e claro ardôr
De que sahiu a sombra dos meus versos,
Sentí meus olhos sôfregos imersos
Em sonhos, nevoas, lagrimas de amor.

A minha voz, ao longe, em derredor,
Fundia em côro os êcos mais dispersos;
As nuvens, embalando-se, eram berços
De estrêlas e profetico esplendor.

E via erguer-se, em meu olhar vidente,
Uma Figura, tenebrosa e ardente,
No Céu, de encontro ao dubio alvôr do dia:

— E vi sêr ella a Patria que invocava:
E o mar era seus prantos que chorava;
E o sol, sorrisos que inda não sorria...

III

Liberdade

E vi tambem erguêr-se, horrenda e estranha,
Uma Arvore de treva e claridade:
Braços de fumo, enchendo a imensidade;
Raiz de fôgo, ardendo na Montanha.

Diz-me a Visão, esfingica e tamanha:
— «Arvore sou. Meu nome é Liberdade.
Plantou-me (a ferro!) a dura humanidade;
E regou-me com sangue, em negra sãha!

Minha sombra de Vida, se fez morte;
Meus frutos, são de cinza; o tronco forte,
Devêra sêr de amor, e é de odio e guerra!

Aspiro á luz, e bêbo a escuridão!
Para sêr livre, hei-de prender-me ao chão:
— E sinto que me foge a propria terra! —

IV

Deus

Espirito do Abismo e das Alturas,
Que em tudo quanto vive se derrama:
Já luz esparsa, antes de sêr a chama!
Criadôr que se fez obra das criaturas!

Alma que deu sua alma ás pedras duras!
Amor tão desamado que nos ama!
Genio que inspira a Noite, e a treva inflama,
Desde as ondas ás verdes espessuras!

Centro e fusão de todas as Distancias;
Velhice-mãe de todas as Infancias;
E Futuro de quanto ha-de morrer...

Possa a minha alma vêr-te, um só segundo,
Presente, e em ti, — Pretérito do mundo,
Infinito imortal do Verbo Sêr!

ANTONIO CORRÊA D'OLIVEIRA.

PELO MUNDO FÓRA

Notas d'um curioso

Grande revolução no Mexico

O Mexico é uma das mais ricas e extensas nações americanas. A sua superficie é de 1.987:000 kilometros quadrados, ou seja mais de vinte vezes a area do nosso paiz.

Quando, em 1519, os espanhoes, ás ordens de Cortez, fizeram a conquista

do Mexico, já aquelle territorio constituia uma nação poderosa e civilisada. Durante tres seculos (1521-1821) a Espanha exerceu ali o seu dominio por meio de vice-reis, sendo, porém, certo que já em 1810 o povo se levantou, á voz de *Hidalgo* e de *Morelos*, com o fim de se libertar do jugo espanhol, mas sem resultado. A 27 de Setembro de 1821 os insurrectos, faziam a sua entrada triumphal no Mexico.

No anno seguinte o general *Iturbide*, que fizera causa commum com elles,

tez-se imperador, sob o nome de *Augustin 1.º*, mas foi desthronado pouco depois, implantando-se a republica, cujos partidarios deposeram o poder, apoz successivos *pronunciamentos*.

A suspensão do pagamento da divida externa, votada pelo Congresso a 17 de Julho de 1861 determinou a ruptura da França e da Inglaterra com o Mexico e a intervenção armada das potencias europeas unidas pela convenção de Londres, de 31 de Outubro de 1861.

Mas ás dissensões profundas entre os

aliados succedeu-se a partida das tropas inglesas e espanholas, sendo offerecida a coroa de imperador ao *archiduque Maximiliano da Austria*, que a accitou em 1864. O seu reinado durou apenas tres annos. Evacuado o Mexico pelas tropas francêsas, rebenta a revolução, sendo o infeliz Maximiliano feito prisioneiro em *Queretaro* e ali executado, a 19 de Junho de 1867, ás ordens de *Juarez*.

Em 1877 cabe a presidencia d'aquella republica a *Porfirio Diaz*, que com vigoroso pulso e grande habilidade politica manteve a ordem em todo o paiz, cujo desenvolvimento agricola industrial



PORFIRIO DIAZ

e commercial, se foi tornando cada vez mais prospero. Oito vezes successivas o presidente P. Diaz conquistou os suffragios dos mexicanos, e todos suppunham terminada a epoca dos pronunciamentos, apresentando mesmo o Mexico como modelo aos outros estados bellicosos da America latina.

De ha tres annos para cá surgiram, porém, de novo as luctas civis, com character accentuadamente grave, e determinadas mais por ambições pessoases do que por doutrinas politicas. Porfirio Diaz teve que abandonar a sua patria, indo viver para o Cairo. Os adversarios do grande indio de *Oxaca* diziam que a sua queda resultou de abuso do poder, de nepotismo e de corrupção, ao passo que os seus amigos a attribuem a artificios da *Standard Oil C.*, a cujo monopolio pretendeu pôr termo, entregando ao Syndicato inglês *Pearson* duas novas fontes de petroleo, descobertas perto de *Vera Cruz*.

Depois da presidencia provisoria de *Labarra*, os mexicanos elegeram o presidente *Francisco Indalecio Madero*, que nascera em 1873 no *Estado de Chihuahua* e que era de *origem portuguesa*. Sua familia numerosissima e muito rica mandou-o educar no collegio de jesuitas de *Saltillo*. Em 1889 foi para Paris, percorrendo a Europa e voltando ao Mexico em 1895, para se consagrar á administração de seus vastos dominios. Em 1903 entrou na politica, combatendo Porfirio Diaz e fundando o partido democratico, que soffreu formidável ché que na lucta travada em 1905.

Madero, porém, redobra de violencia contra o tyranno, e em 1910 publica o famoso livro—*A Successão presidencial de 1910*—cuja resposta foi o encarceramento do auctor até ao fim da campanha presidencial. Apenas solto, o joven leader da opposição publica um manifesto que provoca o movimento de Novembro de 1910. Madero emigra para

os Estados Unidos, onde compra armas e munições, voltando a Chihuahua, para fazer a campanha revolucionaria de que resultou a queda de Porfirio Diaz em Maio de 1911.

Esta lucta custou lhe e a sua familia a bonita somma de 100.000 libras.

Madero, que, dizem, era instrumento de *Rockefeller*, o rei do petroleo, restabeleceu os privilegios da *Standard Oil C.*, procurando vencer as difficuldades emergentes por processos que haviam sido censurados ao *Bismarck mexicano* e faltando ao compromisso que tomara de reformar o regimen de grande propriedade, que mantinha o lavrador na situação de escravo.

A opulenta familia Madero exercia por toda a parte um despotismo feroz e *Gustavo Madero*, irmão do presidente, era um dos seus peores conselheiros. Nesses actos abusivos secundara-o o vice-presidente *José Marina Suarez*, de modo que, pouco tempo depois da sua eleição á presidencia, revoltaram se contra Madero aquelles elementos de desordem que P. Diaz, com a sua longa experiencia e forte mão de redea, conseguira manter em respeito. As revoltas surgem em varios pontos da grande republica. No norte tem que luctar contra os generaes *Bernardo Ruges e Zapata*; mais tarde surge o general *Orosca*, e em Novembro ultimo outro general, *Felix Diaz*, sobrinho de *Porfirio*, que, porém, estava ao facto do movimento.

Madero consegue triumphar contra *Felix Diaz*, que fica prisioneiro com grande numero de officiaes. O conselho de guerra condemna-os á morte, mas o chefe da revolução e alguns companheiros obteem generoso perdão. Madero, a quem a fortuna entrega o seu maior adversario, o sobrinho do seu velho inimigo Porfirio, usa de toda a clemencia para com elle em outubro de 1912. Passam-se cinco mezes, em 9 de fevereiro ultimo dá-se um golpe d'Estado na cidade do Mexico, voltando-se uma parte do exercito contra o governo e libertando o general *Felix Diaz* da penitencia e o general *Bernardo Reyes* da fortaleza militar. Em seguida os insurrectos apoderam-se do Palacio, outr'ora residencia do desgraçado Maximiliano, e occupam a Cathedral. Na marcha para o Palacio, cae morto o general *Reyes*. Os partidarios do general Diaz abandonam o Palacio e a Cathedral, indo tomar o *Arsenal* e a *Fabrica d'Armas*, com grande quantidade de munições. Entretanto o presidente Madero volta para o Palacio e prepara-se para a resistencia. A lucta é encarnizada de parte a parte. Os insurrectos ganham terreno. No dia 16 faz-se um armisticio de 24 horas. O general *Huerta*, commandante em chefe do exercito, e o general *Blanquet*, entram na conspiração contra o presidente e dão o golpe no dia 18. *Huerta* é convidado para um *lunch* no Palacio, para onde se dirige *Blanquet* com as suas forças. Madero é obrigado a abdicar, mas resiste, e ao mesmo tempo o general *Huerta* seu convidado, prende-o bem como a *Gustavo Madero*, seu irmão. Então *Huerta* manda a *Felix Diaz* uma mensagem, cessando o combate.

Gustavo Madero foi executado, e o general *Huerta* proclamado presidente provisorio da republica.

Esperava-se que a vida de *Francisco Madero* fosse poupada, mas era fatal que a clemencia de outubro havia de ter como recompensa uma vingança feroz, se acceitarmos o boato corrente que o dá como assassinado no caminho para a prisão. Applicou-se a celebre *lei da fuga*, pela qual os governos mexicanos se livram dos prisioneiros perigosos, allegando que tentaram fugir, isto depois de os guardas terem recebido ordem para fingirem que não exercessem grande vigilancia no preso. Este, naturalmente, procura escapar-se e logo... é um ar que lhe dá. *Mario Hernandez*, irmão do ministro do interior, o vice-presidente *Suarez* assim como centenas de adversarios, são fuzilados. Contam-se mais de tres mil mortos e de sete mil feridos.

A esposa de *Francisco Madero* vê se obrigada a emigrar.

Parece que está dominada a revolução e já o presidente do governo convidou o corpo diplomatico para um jantar; mas recebeu formal recusa, sob o pretexto de que ainda se não deu explicação satisfactoria sobre a morte de *Madero*, que o governo pretende attribuir a conflicto entre os adversarios e as tropas fieis, quando aquellas tentaram apoderar-se do seu chefe.

O povo mexicano composto de 38 por cento de indios e 43 por cento de mestiços, com uma grande maioria de analfabetos, carece de um presidente de pulso rijo e dotado de sufficiente habilitade politica para governar com uma Constituição fóra dos moldes porque na-



FRANCISCO INDALECIO MADERO

turalmente deve guiar-se aquella grande nação, em que o elemento europeu occupa ainda um logar muito restricto.

Oxalá as proximas eleições lhe tragam esse presidente e com elle a paz, base da ordem e do progresso.

Fernando de Saussure

Falleceu em *Genève*, no dia 22 de fevereiro, o abalizado philologo *Fernando Saussure*, que se distinguiu notavelmente no estudo das linguas europeas, sendo o continuador da obra gloriosa de *Adolpho Piclet*. *Saussure* nasceu em 26 de novembro de 1857.

Ainda estudante em *Leipzig*, publicou (1879) a notavel *Memoria sobre o sistema primitivo das vogaes nas linguas indo-europeas*, que veio dissipar as trevas em que haviam vagueado os seus predessores, fixando no nordeste da Europa o berço das linguas que nós falamos, até então de origem supposta no centro da Asia.

Saussure empreendeu uma viagem á Lituania para estudar os varios dialectos ahi falados e que conservaram até hoje um aspecto archaico indo-europeu, e cujas inflexões lhe revelaram importantes segredos da historia da linguagem. Foi, pois, Saussure quem iniciou os primeiros estudos directos das linguas vivas, contribuindo para o alargamento dos methodos e dos problemas da linguistica.

Em 1881 entrou Michel Bréal, a convite para a Escola dos Altos Estudos de Paris, onde durante 10 annos exerceu o lugar de mestre de conferencias. Foi secretario adjunto de Bréal na Sociedade Linguistica de Paris e em 1891 foi nomeado professor da *Universidade de Cinère*, recusando o lugar de substituto no *Collegio de França*, que Bréal lhe havia offerecido.

3-III-913.

J. A. MACEDO DE OLIVEIRA.



PELOS TEATROS

Nacional

Henry Bataille na *Marcha Nupcial* faz uma análise subtil da psicologia de uma mulher que ocupa um determinado estado na sociedade e cujas condições de existência lhe produzem uma perturbação moral assás funesta.

Se procurarmos uma generalisação, um desses estados comuns nas sociedades, um tipo característico, não o encontraremos. Um facto, simplesmente um facto, como na maioria das obras modernas. Graça de Pleseano, provinciana nobre e mixtica, apaixonou-se pelo professor de piano, criatura desageitada e ridicula, mas artista e foge com êle, contando apenas com os recursos do seu grande amor.

Em Paris procura uma amiga de infância cujo marido vem a apaixonar-se por ela.

Graça, é para o seu marido uma mãe carinhosa. Vivem pobres mas felizes. A vida é porisso traiçoeira. Para se lhe resistir é preciso uma alma bem temperada.

São dois visionários. Ele, uma alma simples de criança, pura e candida. Ela, um espirito fraco e doente.

O marido da amiga prepara-lhe um assédio cerrado e ela está quasi prestes a cair.

Ela ama-o tambem. Vê pela primeira vez o encanto da vida e o seu grande erro de ligar toda a sua existência a um homem que lhe é em tudo inferior. Mas não pôde esquecê-lo, porque uma mulher nessas condições nunca tal esquece, como não podia esquecer o acto soléne que a êle a tinha ligado e que era

parte integrante dos seus principios morais e religiosos.

E vamos assistir por fim ao suicidio dessa mulher que, apezar de tudo, tinha uma grande alma e a quem por duas vezes fôra impossivel vencer a natureza rebelde.

A peça está admiravelmente delineada e prende a atenção do espectador com alguns lances patéticos.

A tradução de Melo Barreto, perfeita. O desempenho foi regular, tendo, contudo, uma nota discordante: papeis



A ACTRIZ ROSARIO PINO

secundários entregues a discipulos do Conservatorio que estão longe de poder figurar num palco como o do Nacional.

República

Rosario Pino

A gentilissima actriz espanhola voltou novamente a Lisboa, onde veiu dar 6 recitas, todas compostas do moderno teatro da nação visinha.

Jacinto Benavente e os Irmãos Quintero são os autores dramáticos mais queridos do público em Espanha, predilecção que se justifica pelas qualidades superiores que ambos mostram nos seus géneros.

Benavente, cuja obra é muito extensa, é um comediografo de valor e as suas produções são muito apreciadas em Espanha, posto que lhes falte esse cunho característico de nacionalidade que se encontra na obra dos Quintero. Esses são tudo o que ha de mais regionalista, de mais nacional. Rosário Pino é a interprete dilecta das suas obras. O affectuoso acolhimento que teve mostra bem que da sua ultima vinda a Portugal, no ano passado, recordações gratas ficaram como de agora ficarão, porque a illustre actriz conquistou completamente, com a sua arte requintada, o nosso público escolhido — êsse que a aplaudiu com sinceridade.

Efectivamente, Rosário Pino incarna-se de tal modo nos seus papeis e dá-lhes uma nota de verdade, de naturalidade que surpreende.

A sua figura elegante, os seus olhos de encanto, uma formosura discreta e a sua voz, uma voz deliciosa como raras vezes se ouve, modelando palavras de amor em gorgeios de ave canora, notas de ternura e de meiguice naquêl acento arrastado, sensual da pronuncia castelhana.

A troupe que acompanhou a distinta actriz possui elementos de algum valôr, que com um trabalho correcto não deslustraram o trabalho da figura principal.

Daqui cumprimentamos a illustre actriz e lhe endereçamos os nossos votos por que breve a tornemos a vêr no palco do República, proporcionando-nos noites de verdadeiro prazer.

A. NIZA.



Exposições de Arte

O movimento artistico português eleva-se num crescendo progressivo. Dia a dia, novas exposições de Arte surgem a tentar e a acariciar o olhar guloso dos amadores.

Rapazes galhardos, damas excelsas, erguem as frentes febricitantes do anonimato informe e reclamam um logar ao sol no mundo esplendoroso da Arte.

E se, na verdade, raros conseguem criar uma attitude bela e original — rarísimos esboçando um gesto de salvação no naufragio de esquecimento do dia seguinte — esta efervescencia de espiritos generosos quer, todavia, dizer vida, ambição, sonho. Se não uma vida intensa, uma ambição purissima, um alto sonho, ao menos — valha-nos isso — significa vida diferente desta vida pelintra de bo-tequim, paga e decorrida, nas preocupações mais mesquinhas, a enlamear ou a apedrejar idolos a que não se poude che-

Exposição de Pintura de José Campas



VALSA «CHALUPÉE» (IMPRESSÃO DE CABARET) PARIS



O PINTOR JOSÉ CAMPAS, NO SEU «ATELIER», EM PARIS



TIPO. BARRIOS COMMERCIAL TRAZA REFORMADORES, 27.

La Tasse de Thé

Quadro de José Campas, adquirido pelo sr. Carlos Seixas

Brinde aos srs. Anunciantes e Leitores

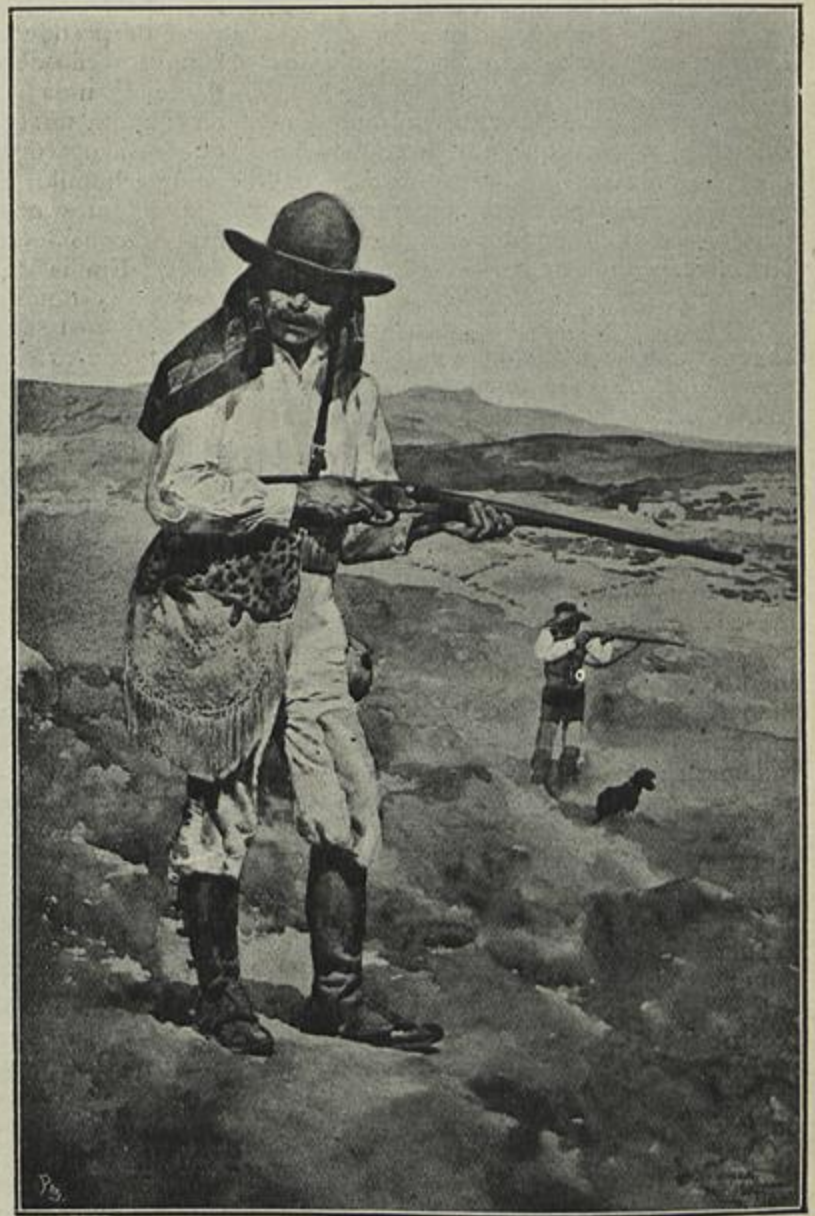
Exposição de Aguarela de Alberto Sousa



DANÇA GALEGA (PRINCIPIO DO SEGULO XIX)



MULHER DO NORTE



UM CAÇADOR

(Clichés Alberto Lima)

gar com o dedo, a manchar reputações e preparar escaçadas políticas.

Com efeito, é esta a qualidade benevolenta das numerosas exposições que se



D. EMILIA SANTOS BRAGA

abriram ao publico amador, nos ultimos tempos.

De resto, pelas diversas e multiplas salas de pintura que nós, acedendo ao honroso convite dos expositores, com magno prazer, percorremos, rarissimos quadros resaltam por impecavel execucao ou concepcao original — digámo-lo em silencio.

Atitudes sabidas, clichés coçados, paisagens sem espiritalidade, fisionomias sem alma, céus de tonalidades traçoceiras, coloridos falsos, flôres sem frescura, contornos sem suavidade, sombras sem leveza, — eis o que encontrámos em exuberantissima profusão.

Dizendo isto, não somos severos, nem desejamos desanimar os jovens artistas, tanto mais que não lhes indicamos nomes. E' que nos é imprescindivel, a nós, por necessidade impugnavel de temperamento, conservar intacta dignidade e rendido respeito ante a divina arte da pintura, para não malbaratar-mos inconsideradamente a nossa admiracao.

Conseguimos limitar-nos, sómente, a abraçar num longo olhar de carinho as tentativas embuídas de febre dos incipientes. E tanto assim que nem mesmo os rarissimos mestres apregoados que expuzeram, obtiveram sentença absolutamente favoravel no nosso fóro intimo.

E' que não ha mocinho bem disposto, recém-saído de oficinas de grossa pastelagem, que não aguarele a frança duma arvore do seu quintal ou môa tintas para dar a tonalidade duma paisagem, ao solpôr. Não ha menina bem dotada que não pintarole, com coragem, um interior, uma jarra com sardinheiras ou duas cebolas sobre um prato de louça branca. E ao olhar as suas abundosas criações artísti-

cas, nós só temos a elogiar-lhes, com um sorrisinho carinhoso, a originalidade es-trábica da sua visão.

Posto isto, vamos esboçar rapidamente duas linhas de impressão sobre as expoções de Arte que nos ultimos dias melhor nos dispuseram.

* *

Cabe o primeiro logar, por merito, por ordem cronologica, e por gentileza que sempre a senhoras se deve, á exposicao de oleos da sr.^a D. Emilia dos Santos Braga. Expõem tambem numerosamente discipulas suas, algumas distintas, de que não podemos falar por falta de espaço e de tempo. D. Emilia Braga é uma artista de incontestavel merito, tecnica cuidada e conscienciosa arte, e indubitavelmente não coloca mal os desvelos de Malhõa — seu talentosissimo Mestre.

Apresenta um belo nú — *Ociosidade* — de bela attitude e expressiva fisionomia, que se cria em nós infavel impressão, por vezes nos dá o desgosto d'uma carnação grossa, aspera e gelada.

A — *Cigana* — tem o *negligé* dum quadro inacabado, cheio de vida, de expressão, e intensa sensualidade.

A — *Suplica* — é tecnicamente perfeita. E a — *Maria de S. João* — desprende uma indefinida e dulcis-

sima emoção de calma resignada e confiante. E' uma velhinha santa, de corpo inclinado á terra e alma erguida ao ceu, que resa orações íntimas, a um Deus de amôr e humildade.

Mas antes de finalisarmos as nossas breves considerações ácerca da pintura de D. Emilia dos Santos Braga queremos mais uma vez encarar e admirar esse mimosissimo pastel, intitulado *A minha boneca*, que esta Revista reproduz, com indizível prazer, na sua primeira pagina. E' uma fisionomia de creança encantadôra, olhar risonho e caricioso, cabellos lindos caídos em desalinho. Este pastel é, na verdade, dum mimo e frescura que nos deliciam suavissimamente.

* *

De Alberto de Sousa muito teriamos a dizer se o espaço e tempo não fôssem minguando desoladoramente.

Alberto de Sousa é um Novo, de inegavel valôr e largas promessas.

Por emquanto, falta-lhe estimulo, publicidade e aturado trabalho.

Na sua exposicao de aguarelas aberta numa das salas da gazeta — *A Capital* — ha muitos quadros bons.

Tem um desenho, por vezes, correctissimo, colorido exacto e frescura consoladôra. No *Cacilhas* só nos desgosta o ceu e a demasiado numerosa bonecagem esfarrapada que ali movimenta.

A *Estalagem dos Camilos* é muito bem feita, aliás deu-nos impressão que não pudemos reprimir, de fotografia. O seu *Nu* extremamente difícil e bem lançado, é admiravel, ainda que não tenha certa macieza de contornos que em qua-

dro de tal natureza sempre exigimos. No *Freixo* ha tal frescura e tão verdadeiro colorido que nos sentimos bem a olhal-o.

Gostamos do *Caçador*, posto que achassemos as sombras assaz pesadas.

O *Frade* encanta-nos.

A *Dança Gallega* é dum realismo hilariante de bom gosto.



ALBERTO DE SOUSA

A excursão de Alberto de Sousa pelo Alemtejo proporcionou-lhe traços vigorosos, vincados, e característicos.

* *

Por ultimo, visto que foi o ultimo que chegou, falemos de José Campas.

José Campas é um artista novissimo de 24 anos de idade. Mas, sendo novo, é dotado duma audacia extranha que o impõe, e duma actividade maravilhosa que talvez, de certo modo, o prejudique.

Apresenta cerca de 83 quadros. E' discipulo de Carlos Reis, Bonnat, Laurens, Collin e Joblé-Duval e aluno definitivo da Escola de Belas-Artes de Paris.

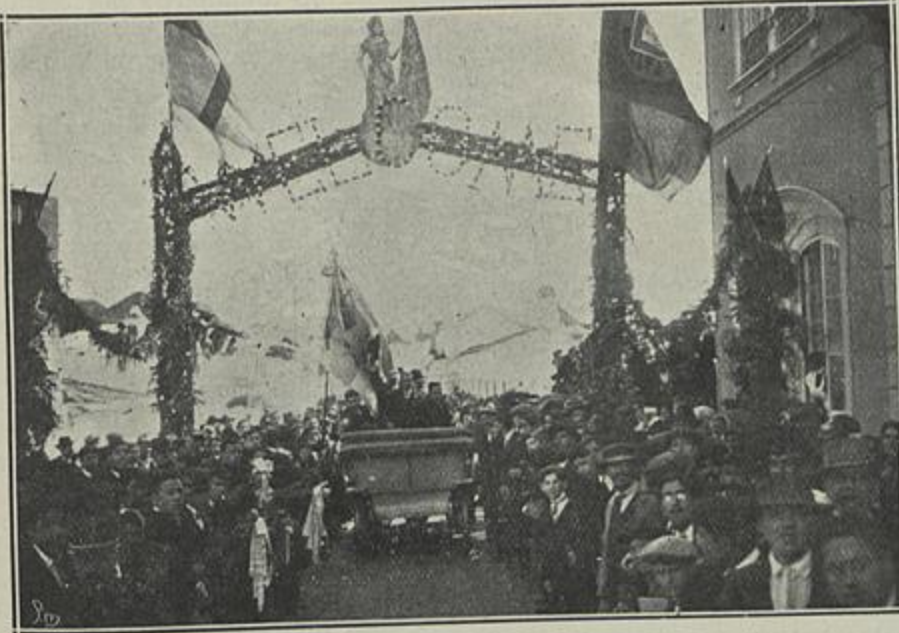
Expõe dois grandes quadros que são dignos de serem vistos e sem favôr admirados. São a *Valsa Chaluppée* e *La Tasse de Thé*. A *Valsa Chaluppée* é uma grande tentativa e tratada por um Mestre deveria ser dum prodigioso efeito. Assim, tratada por Campas, se não nos desagradou, pareceu-nos, porém, que a distribuição de luz era menos cuidadosamente feita e tinha borrão negro a mais. A objectiva fotografica não n'a dá, por mais esforços que se façam, senão miseravelmente.

A *Tasse de Thé* é conceptivamente menos original, mas é sem duvida admiravel pela execucao. O estofo da jupe está bem entretocado e o colorido do chale está maravilhosamente bem dado. Sómente as manchas das rugas estão cortadas, demasiado carregadas. E' admirabilissimo como José Campas soube tão bem dar o transparente de procelana do serviço do chá.

Deixando o mais que não é extranhamente admiravel, nem de inspiração arrojada, ainda mencionaremos os dois maravilhosos quadros que o são indubitavelmente *O meu modelo* e *Lakmé*.

ANTONIO COBEIRA.

Visita de jornalistas ingleses a Portugal



CHEGADA DOS JORNALISTAS INGLÊSES A FARO

lidade portuguesa no seu grande desejo de lhes ser agradável.

Os principais pontos do Algarve na rápida visita que fizeram a Faro, Tavira, Lagos, Olhão, Portimão e Monchique, mal tiveram tempo de ver o muito que de característico os poderia surpreender, o que de original tem aquele país de encanto.

Os turistas Ingêleses — pois dos 34 visitantes apenas uns oito eram jornalistas, Mr. James Backer, secretario da British International Association of Journaes, Em. Richard, Ch. Freesten, Stuel Palmer, J. Leune, Loinel Elendiming, Frederic J. Gardiner e J. R. Fisher, retiraram de Lisboa no dia 27 a bordo do *Lanfranc* para Inglaterra, depois de 10 dias de passeio por esta terra portuguesa.

Do pouco que puderam ver no seu rapido passeio e do trato que tiveram com portugueses, alguma coisa, porventura, terá influido em seu espirito para destruir más impressões que tivessem pelo muito mal que lá por fóra se tem propalado arrespeito do nosso país, nos ultimos tempos.

Valha-nos isso!

Destruir quaesquer más impressões a nosso respeito é uma grande justiça, um patriótico serviço. Isto se deve á Sociedade Propaganda de Portugal, que para isso empregou seus esforços, secundados por bons portugueses que a auxiliaram em muitas das localidades visitadas e pelos seus directores srs. dr. Fernando Emygdio da Silva, Manuel Roldam e Wissemann que acompanharam e dirigiram a excursão.

C. A.

Visita de jornalistas ingleses a Portugal

Depois de visitarem o norte percorreram uma parte do sul, os turistas ou jornalistas ingleses, que vieram ao nosso país por convite da Sociedade de Propaganda de Portugal.

A sua digressão pelo norte já a cronica do numero passado se referio; o passeio cá pelo sul, não foi menos interessante, desde Cintra até ao Algarve, com a sua diversidade de monumentos e de paisagens de caracteres distintos e de deles os mais belos.

Sem duvida a paisagem foi o que mais surpreendeu os nossos visitantes; poderiam admirar a arquitetura manuelina dos Jeronimos, a magestade do Tejo, os rendilhados da Torre de Belem, mas a obra da grande artista, a Natureza, essa deverá ter-lhe ficado bem impressa na retina, avivando lhes recordações consoladoras na alma.

Por toda a parte acolhidos festivamente, quer na Camara Municipal, onde lhes foi oferecido um banquete, quer na Associação dos Jornalistas, onde amavelmente foram recebidos por seus colegas portugueses, quer na Sociedade de Geografia onde se celebrou uma sessão solene em sua honra, os jornalistas ingleses puderam apreciar a boa hospita-



UMA BURRICADA DE JORNALISTAS INGLÊSES, NO ALGARVE

CANTO DO CISNE

Ainda não viera a reforma que instituiu o *Curso sobre as confissões religiosas nas suas relações com o Estado*.

Ainda se dizia, naturalmente, sem perigo, *Direito Eclesiastico* — que vinha a ser a mesma cousa, penso eu agora.

Eu, nós todos, os ultimos, andavamos no terceiro ano e tinhamos tambem como professor o Padre Pitta que já era velho nesse tempo, tão velho como sempre foi, desde que da sua cabeça branca tombara a ultima mitra de Elvas.

A cadeira que esse lente professava, era então *Direito Eclesiastico*, como lhes vinha dizendo.

As suas aulas eram cheias de animação para todos naquele outono saudoso.

Parece que até havia no curso vontade de saber, que o meu curso tinha rapazes aplicados, fiquem-no sabendo os senhores.

Não sei porquê, encontravam-se ali grandes voca-



PARTIDA DOS JORNALISTAS INGLÊSES A BORDO DO «LANFRANC» — O EX.^{MO} GOVERNADOR CIVIL DE LISBOA ASSISTE Á PARTIDA

ções de ministro que planeavam defender decisivamente as regalias da corôa, deante da invasão romanista.

Ainda estava na lembrança dos mais velhos a rebeldia dos conegos de Lamego e a resistencia de alguns Bispos ao Poder Executivo.

Pois daquele curso, regido pela competencia intangivel do Dr. Paiva Pitta a quem até a Republica já pediu argumentos, saíram armados os futuros defensores do braço civil, abatido por continuas transigencias.

Era um curso cheio de esperanças, supponho até que nele tinha os olhos postos a crença messianica daquela epoca.

Haviamos já definido Igreja e mostrando que ela era uma sociedade de instituição divina, que tinha uma hierarquia e uma constituição apostólica.

Ouvimos dizer que fôra das lampadas dos nichos nas encruzilhadas que nascera a ideia de iluminar as cidades.

Iamos preparando uma solida sabedoria, já estavam no scisma lusitano que Pombal levava a cabo e andavamos aprendendo a distincção e divisão dos concilios. Muitos queriam a Igreja Lusitana, suas antigas liberdades e privilegios.

Dou conta de uma corrente liberal que se insurgia contra Dom Sebastião pela precipitada resolução de receber como Lei do Reino toda a doutrina do Concilio de Trento. Uma tolice de rapaz beato...

Já os archeiros traziam para a mesa o monumental *Corpus Juris Canonici*, as *Focas* pediam-se com instancia e o professor exultava com o nosso aproveitamento.

Havia realmente razão para o País esperar por nós.

Tão largo e comprehensivo era o perimetro dos planos de estudo que nas setentas tratando-se da Lei Antiga e dos Judeus, se falava em Karl Marx e em Sarah Bernhardt, pertencentes á Raça maldita.

E discutia-se a Tragica, a pretexto da maldição divina, na aula de Direito Ecclesiastico.

Um dia veiu em que a discussão subiu alto, abriram-se as cataratas da sabedoria e a aula era então a viva imagem da Torre de Babel.

O Dr. Paiva Pitta, alma paciente, como a de todos os grandes sabios, para os desvarios da mocidade que dirigem — exorava, supplicava...

Jogassem as cartas, fumassem embora os mais escravos do vicio, mas interromper a prelecção, nunca!

D'alí por deante, a antiga compostura de estudantes applicados era apenas uma lembrança, perdeu-se o respeito á Disciplina que é mãe dos grandes triunfos.

Numa hora de confusão, um apito de alarme varou a atmosfera pombalina da sala.

Silencio. O mestre continuou absorto. Outro silvo mais prolongado. Silencio. Então uma voz annunciou:

—E' o toque do juizo final, sr. Doutor!

Um silvo agudo, desesperado, atroou os nossos ouvidos, outra vez.

Parecia aquele um momento tragico que assaltava a nossa timidez.

O Mestre dispôs-se a intervir.

E assim falou:

—Toco esta campainha; virá um archeiro; com ele irá esse aluno á presenca do sr. Reitor confessar a sua culpa.

O archeiro entrou. Silencio.

—Espere, diz-lhe o Mestre; ha-de levantar-se aí um senhor que acompanhará ao sr. Reitor.

O bom homem esperou, esperou, olhando risonhamente para todos os lados.

Ninguem se julgava réu.

O Mestre, nervoso, fitava os olhos no curso atento mais que nunca.

Quem seria?

Minutos ansiosos passaram, começara o riso nas ultimas bancadas e vinha já alastrando desrespeitosamente, com ruido.

Então, mais livido o pergaminho da sua face, o velho Mestre viveu na dôr de tal momento toda a desilusão de uma vida gloriosa e sábia.

A sua mão tremia apanhando uma dobra da capa. Deante dos seus olhos só havia o vago, quando o magro corpo se lhe ergueu numa curva dolorosa para dizer, naquela hora historica em que se dava na Universidade a ultima lição de Direito Ecclesiastico:

—Ninguem se levanta?! Pois então, levanto-me eu!

Já a sua figura hesitante se adeantava sobre os sapatos de fivela, nas escadas da cátedra, quando a voz lhe morria, como um eco de maldição:

... tambem dos portugueses
Alguns traidores houve algumas vezes!

E nunca mais voltou.

(Do *Livro de Horas*, a sair brevemente.)

HIPPOLYTO RAPOSO.

INVENTOS MODERNOS

Para combater o inimigo no ar

A Allemanha, essa potente nação que continuamente trabalha para a paz armando-se para a guerra, depois de ter fabricado uma grande esquadra de navios aereos, os celebres dirigiveis Zep-



PEÇA KRUPP DE 6,5 PARA DESTRUIÇÃO DE AEROSTATOS DIRIGIVEIS

pelin, o ultimo dos quaes tem a capacidade de 22:000 metros cubicos, com a velocidade de 75 kilometros por hora, está fazendo experiencias com um canhão, de que é inventora a famosa casa Krupp, o qual se destina á destruição dos balões dirigiveis, verdadeiros *dreadnoughts* do ar. O canhão Krupp, de 6,5 centimetros, destroe o balão por meio d'uma bala explosiva que, depois de romper o envolvero do aerostato, inflama o gaz.

O mesmo canhão contra balões foi já applicado a um automovel, com magnifico resultado.

J. A. MACEDO DE OLIVEIRA.



Questões de hygiene social

A defeza contra a velhice precoce

Metchnikoff, o sabio analysta do Instituto Pasteur de Paris, tem-se ultimamente esforçado em descobrir os meios de prolongar a vida humana, afastando para um periodo mais remoto o começo da senilidade, actualmente mais precoce do que racionalmente deveria ser.

Depois de variados estudos, chegou á conclusão que a degenerescencia senil dos tecidos é provocada pela invasão de phagocytos especiaes, *macrophagos*.

Existem causas averiguadas de esclerose pathologica, como são o alcool, a syphilis e as intoxicacões lentas. Porém Metchnikoff, atribue sobretudo ás auto intoxicacões de origem intestinal, a causa da degenerescencia organica; assim diz: «—O estudo comparativo dos factos, justifica perfeitamente a hypothese, de que a flora intestinal, abundante, inutil para a digestão, não serve senão para encurtar a existencia, graças aos venenos microbianos, que enfraquecem os elementos nobres e aniquilam os phagocytos seggregados continuamente pela flora intestinal, nos individuos aparentemente de boa saude; estes venenos passam para o sangue, indo exercer sobre a propria parede dos vasos, uma acção irritante chronica que vem a dar na arterio esclerose precoce, e d'alli ainda vão operar sobre os tecidos a sua influencia nociva.

Facilmente se concluirá do exposto que o intestino é a causa principal da senilidade.

Como obviar a este inconveniente? Como prolongar o periodo de vida normal, oppondo assim uma barreira á velhice precoce? —E' o que vamos expôr, mostrando em primeiro logar o que são as fermentacões e a flora do intestino para em seguida

expormos qual a maneira eficaz de melhorar as condições do meio intestinal.

A digestão opera-se á custa de uma fermentação que termina no desdobramento das materias alimentares em productos soluveis os quaes são assimilados pelo organismo e o vão *alimentar*, e em productos inuteis, residuaes, que constituem as fezes; é claro que esta fermentação é conseguida á custa de agentes vivos, os *microbios da digestão*.

Emquanto estes microbios existem em proporção conveniente, o intestino comporta-se normalmente; porém quando o seu numero vae além de um certo grau, produzem-se fermentações anormas, putrefações intestinaes que, repetidas, dão origem á auto-intoxicação.

As fermentações intestinaes são a consequencia de uma alimentação defeituosa (agua impura, conservas, carnes em mau estado, leite contaminado, etc.) ou resultado de uma incompleta e má digestão de alimentos sãos.

Normalmente, a flora intestinal é consideravel. *Vignal* estabeleceu que o adulto expelle quotidianamente 30 a 50 biliões de microbios, conjunctamente com as fezes; *Strasburger* eleva a cifra a 128.000 biliões, isto é, 8 grammas de microbios expellidos dia a dia. Porém, nove decimos dos microbios expulsos, vão já mortos, segundo diz *Klein*; não devemos esquecer que todos viveram no intestino, especialmente no *cæcum*. Não é, portanto, a sua virulencia no momento da expulsão das fezes, que devemos considerar, mas sim, o seu papel, quando vivos, nas varias pregas e recanto do intestino grosso.

Depois de repetidos estudos, Mr. Metchnikoff e M.^{me} Metchnikoff chegaram á conclusão de que os microbios intestinaes não são uteis, mas sim prejudiciaes. Segregam productos eminentemente toxicos como os derivados do phenol, indol, cresol, skatol, acido butyrico, gaz sulphydrico, ptomainas, e todos estes productos, lançados na circulação geral, perturbam profundamente o organismo. Assim os productos toxicos, como os microbios intestinaes, podem determinar as enterites, dysenterias, appendicite, typhlite, febre typhoide, estercoremia, manifestações cutaneas e a senilidade precoce.

Vamos agora indicar os meios de obviarmos a este estado de cousas.

Logicamente, o meio de conseguir este *desideratum* é obter a destruição dos agentes pathogenicos do intestino. E' longa a lista dos antisepticos intestinaes como o salol, benzonaphtol, naphtol, etc. O seu emprego tem inconvenientes, como a formação de phenoes e derivados, a irritação que podem produzir no intestino, etc.

O meio mais eficaz de combater as putrefações intestinaes é a fermentação lactica, e esta fermentação obtem-se pela ingestão de bacilos lacticos.

As culturas de bacilos são, em geral, fornecidas ao consumidor sob a fórma de comprimidos, contendo 25 centigrammas de cultura, ou *cerca de um bilião de bacillos*. Estes bacillos lançados no intestino vão atacar os microbios pathogenicos, destruindo-os. Para isto é, porém, necessario que os bacillos tenham uma grande virulencia, pois que, as culturas morrem com o tempo.

E' por esta razão que regeitamos as bacillinas estrangeiras; porque demoram muito tempo nos laboratorios, transportes, depositarios e pharmacies, de modo que, quando chegam a ser fornecidos ao doente, succede, por vezes, já estarem mortas.

Das culturas nacionaes, a que preferimos pela sua grande virulencia e pelo seu preço mais barato, é a *Bacilina Lactica*.

tre é antiga é necessario um tratamento demorado para restabelecer o equilibrio do meio intestinal).

Em terras onde as aguas não mereçam confiança, como em Lisboa, é medida de toda a prudencia tomar 1 comprimido da Bacilina a cada refeição para se prevenirem as febres intestinaes, por vezes tão perigosas.

Com estes cuidados, evitaremos as auto-intoxicações intestinaes, e portanto, a principal causa da velhice precoce.

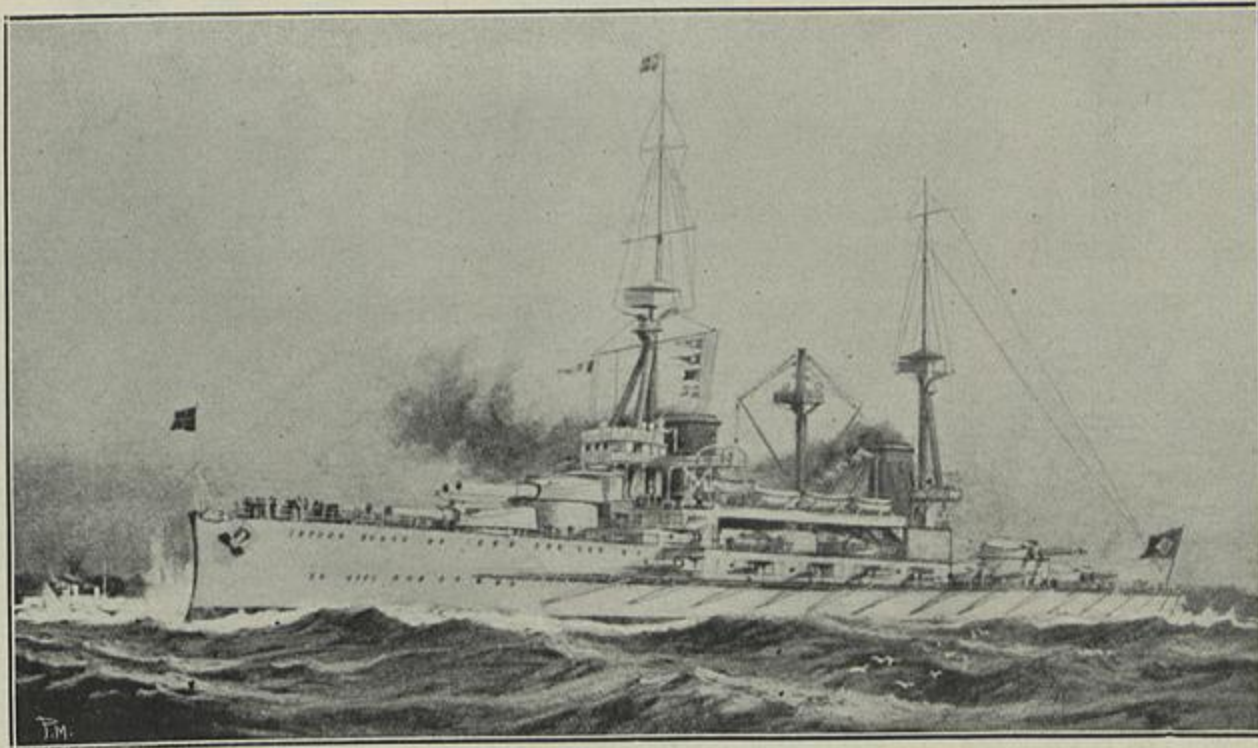
DR. CORTEZ PINTO.



Marinha de guerra brasileira

«Dreadnought Rio de Janeiro»

O mais poderoso navio de guerra até agora lançado ao mar, armado com 14 canhões.



O NOVO DREADNOUGHT RIO DE JANEIRO DA MARINHA DE GUERRA BRASILEIRA

A *Bacilina Lactica* é o fermento lactico seleccionado e comprimido. Quando ingerida, separam-se os microbios que se lançam no intestino onde impedem o desenvolvimento dos fermentos da putrefacção.

Vivendo á custa das substancias asucaradas e amylaceas, a *Bacilina Lactica*, aclimata-se perfeitamente no meio intestinal, onde póde resistir, durante tres semanas e mais, e como é de muita vitalidade, a sementeira no intestino torna-se em breve geral. A fermentação lactica permanente que os hydratos de carbone vão soffrer traduz se pela formação quasi incessante do acido lactico no estado nascente, o qual, por seu turno, vae exercer uma acção antiputrida de tal modo energica que suprime rapidamente toda a putrefacção intestinal.

D'este modo, todos os que soffram de enterites cronicas, gazes intestinaes, dôres no intestino e outras perturbações do aparelho gastro-intestinal devem tomar 1 comprimido da *Bacilina Lactica* a cada refeição.

Os que tiverem prisão de ventre permanente devem tomar 2 comprimidos a cada refeição (quando a prisão de ven-

Este novo navio de guerra brasileiro foi ha pouco lançado ao mar, tendo sido construido no estaleiro da casa Armstrong, Whitworth & C.^a, de Elswick, em Newcastle-on-Tyne.

A' cerimonia assistiu Madame Huet de Bacellar, esposa do almirante Bacellar, da armada brasileira.

O *Rio de Janeiro* é o mais potente navio de guerra que até agora se tem lançado á agua. O seu armamento é o mais aperfeiçoado que até hoje se tem feito. Pelas suas chaminés podem passar ao mesmo tempo dois comboios.

O navio custou approximadamente £ 2.000.000, nove mil contos, ao par.



Recebemos as seguintes obras que desde já agradecemos a seus autores e editores e de que oportunamente se fará a apreciação:

Ninharias. — *Refutação documentada dos erros cometidos pelo sr. Anselmo Braamcamp Freire nos seus estudos publicados acerca dos Farias, de Barcellos*, por José de Azevedo Menezes, 1912. Tipografia Minerva de Gaspar Pinto de Sousa & Irmão, Famalicão. Um volume in-4.^o de 268 pags. seguido de LIII tabuas genealogicas e 104 pags., *Coleção dos documentos citados nas notas de texto do livro*. Edição de luxo, ilustrada.

Ramos & Silva

ELECTRICISTAS E OCULISTAS

63, Chiado, 65 — Lisboa

INSTALAÇÕES DE PARA-RAIOS, CAMPAINHAS, TELEPHONES
E LUZ ELECTRICA

Completo sortimento de oculos, lunetas, binoculos, forgnons, barometros, thermometros, hygrometros, areometros em todos os generos.

Variado sortimento de aparelhos de phisica e mechanica para escolas primarias e superiores e para brindes a estudantes.

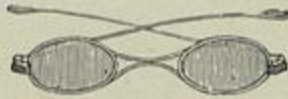
Concertam todos os instrumentos da sua especialidade



Campainhas de todas as qualidades e tamanhos. Pilhas de todos os auctores e para todas as applicações.

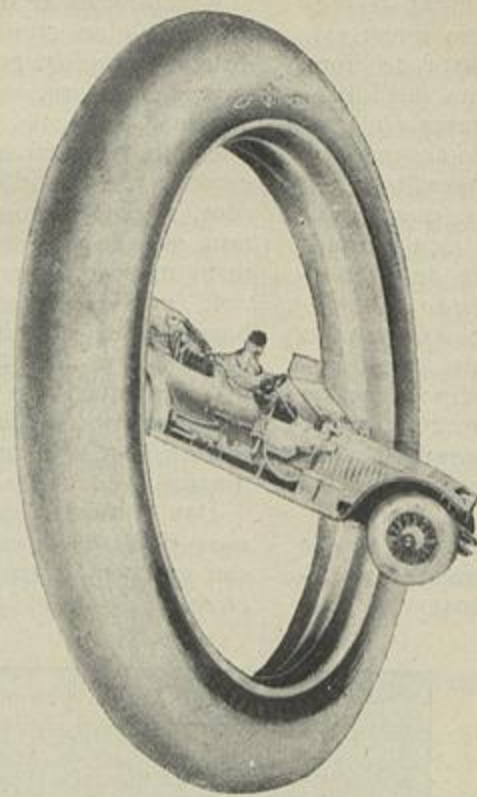


Barometros de bolso, simples e da mais rigorosa precisão; de phantasia proprios para gabinetes, muito uteis aos agricultores.



Oculos e lunetas para todos os defectos da vista. Aviam-se receitas dos Ex.^{mos} medicos oculistas.

Trabalho garantido



Venda de chassis, Automoveis de luxo, Cidade e Turismo.

Fiacres, Omnibus, Vehiculos industriaes.

Automoveis agricolas, Barcos automoveis, Aeroplanos.

Balões dirigiveis e tudo que diga respeito á industria automobilista.

Accessorios, etc.

TELEPHONE 3:606

F. DE SEQUEIRA LOPES

Rua Serpa Pinto, 48, ^s/₁

LISBOA

Almanaque Illustrado do «Occidente» PARA 1913

Está publicado e á venda em Lisboa e no Porto 100 réis, nas outras terras 120 réis

CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte
BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ
Kilo 1:500 réis

Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca

em todos os estabelecimentos



CHOCOLATE — CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis



A. COUTO

ALFAYATE

Premiado na Exposição de Paris de 1900

Telephone 1815



Novas installações d'este atelier que está montado com todos os requisitos modernos e sortido com as ULTIMAS novidades de PARIS e LONDRES. Trajes de rig-r, torrados a seda em casaca, sobrecasaca e smoking desde 30.000 réis. Fatos dos melhores tecidos nacionaes desde 15.000 réis e dos melhores tecidos inglezes desde 22.000 réis. Ha sobretudoos feitos.

Rua do Loreto — Entrada pela Rua da Emenda, 118, 1.º — LISBOA

CONTRA A TOSSE

MARQUE PEITORAL
JAMES

Unico especifico contra tosses e bronchites legalmente auctorizado pelo Conselho de Saude Publica, ensaiado e approved nos hospitaes. Prêmiado com *Medalhas d'Ouro* em todas as exposições a que tem concorrido. Cada frasco está acompanhado de um impresso com as observações dos principaes medicos de Lisboa, reconhecidas pelo consul do Brazil. A' venda nas pharmacias. *Pedro Franco & C., Lisboa.*

Farinha Peitoral Ferruginosa

de Pedro Augusto Franco

Produto alimenticio que se applica em caldos peitoraes, com feliz exito. E' de todos os preparados farinaceos o mais efficaaz por conter substancias organicas e inorganicas que são de facil assimillação aos estomagos fracos e ainda os mais debéis. Pedidos á

Pharmacia Franco, Filhos

139, Belem, 149 — LISBOA

Cada pacote de 250 grammas. 200 réis
Cada lata " " " " 240 "

A' venda em todas as pharmacias

EXPEDIENTE

A Empresa do OCCIDENTE resolveu estabelecer a venda avulso d'esta Revista ao preço de 100 réis. Não devem os nossos estimados assinantes de Lisboa estranhar que se mantenha o mesmo preço d'assinatura, visto que a Empresa para estes, além da vantagem e comodidade de receberem em suas casas os numeros em perfeito estado de serem encadernados, ainda lhes dedicará um brinde annual que os compensará de tão insignificante diferenca.

O OCCIDENTE tem agentes em todas as capitães de Distrito do continente, Ilhas, Possessões Ultramarinas, em Berlim, Manchester, Paris, Leipzig, Madrid e em diferentes estados da India, Brasil, California, Japão, etc.

Mais uma vez recomendamos ao comercio, a grande vantagem de publicar n'esta Revista os annuncios illustrados de suas casas, não só pela fórma por que esta é profusamente espalhada, como pelo pessoal habilitado de que dispõe para a apresentação d'este genero de trabalho que tão bons resultados tem colhido no estrangeiro, ficando a cargo da Empresa a despeza de desenhos ou fotografias e gravuras.

Recebem-se assinaturas e annuncios para O OCCIDENTE, nos escritorios da Empresa

Travessa do Convento de Jesus, 4 (Ao Poço Novo) — LISBOA